



Quando o inimigo é a própria organizada

Na terceira reportagem da série, uma vítima de "fogo amigo" revela ao **Correio** por que foi apunhalado pelas costas em uma uniformizada. Os bastidores da batalha pelo domínio e poder dentro das facções. Saiba como o poder público tem se articulado para proteger os torcedores e combater a barbárie dentro e fora dos estádios de futebol do Distrito Federal e de Goiás

DARCIANNE DIOGO E ED ALVES (FOTOS)

Quanto mais longe da bateria, menor o prestígio. Quem fica próximo é respeitado, aclamado, influente. A percussão simboliza o coração de uma torcida organizada. Supera o cântico. Expressa ideal, intimida os rivais e apoia os jogadores. Mas o fator "perto e longe" representa mais do que a distância calculada em metros. Na verdade, expõe a hierarquia provida de status, fama e violência. Na camaradagem entre os parceiros do mesmo grupo, um submundo regado por conflitos internos, relatos de ameaças e até agressões. São bondes contra bondes e comandos contra comandos. Na terceira reportagem da série *Na bola e na bola*, o **Correio Braziliense** detalha as guerras internas na Torcida Fação Brasiliense e na Ira Jovem Gama, orquestradas pelos próprios aliados.

As duas uniformizadas são compostas pelo líder geral e os chamados "puxadores", que atuam como vices e são responsáveis por administrar os comandos (Fação Brasiliense) e os bondes (Ira Jovem Gama). Membros da cúpula, esses chefes das "filiais" convocam reuniões, repassam recados do alto poder aos torcedores, aplicam as punições e promovem ações sociais, festas e churrascos. Locais de confraternização, por exemplo, são mantidos em sigilo nas redes sociais até a véspera do evento — como a comemoração dos 17 anos da Fação Brasiliense.

A festa, em 10 de dezembro do ano passado, foi amplamente divulgada nos perfis oficiais da torcida, incluindo nas dos comandos. O ingresso individual custou R\$ 40 (não sócios) e R\$ 20 (sócios). O convite continha data e horário, dando a entender que qualquer pessoa poderia participar. No entanto, somente os associados tinham o direito de saber o local.

O endereço foi repassado pelos líderes em um grupo restrito de WhatsApp. Posteriormente, a reportagem descobriu que a confraternização aconteceu na Chácara dos Vaz, no Núcleo Rural Alexandre Gusmão, em Ceilândia. Ocultar informações como essas são normais, afirma um ex-integrante do Brasiliense ao **Correio**. "Além de rolar coisas erradas, como drogas, o medo é de os rivais descobrirem e aparecerem de surpresa, tomarem as bandeiras e gerar uma briga."

Nos grupos, os membros precisam seguir as regras impostas pela diretoria ou estarão sujeitos a uma série de punições. A depender da gravidade da situação, o "castigo" é determinado pela liderança e pode variar. "Eles podem proibir de frequentar jogos, a sede, de usar material, podem suspender o cadastro, as viagens, as caravanas. Isso

"Fui covardemente apunhalado pelas costas. Eles não foram homens para assumir em juízo. O que mais me incomodou profundamente foi a covardia de me agredirem por fatos de política interna"

Wladson Alves Ferreira, ex-diretor da torcida Ira Jovem do Gama

"Sabemos que eles acobertam muitas coisas. Nos reunimos várias vezes e estamos de portas abertas para as diretorias, mas notamos uma resistência. Pedimos que os clubes sejam aliados do MP"

José Eduardo Sabo, procurador da PDDC no MP/DF

"Fazemos questão de perguntar aos acusados, durante o interrogatório, se eles sabem os nomes dos jogadores e muitos não sabem responder"

Sandro Henrique Halfeld, especialista em torcidas organizadas do MP-GO

tudo depende. Essa restrição pode ser de dias, meses e anos", relatou um ex-integrante da diretoria da torcida do Gama, que não terá o nome revelado. Em casos mais graves, uma nota oficial é publicada nas redes sociais. A Fação Brasiliense divulga comunicados de expulsão.

Apunhalado

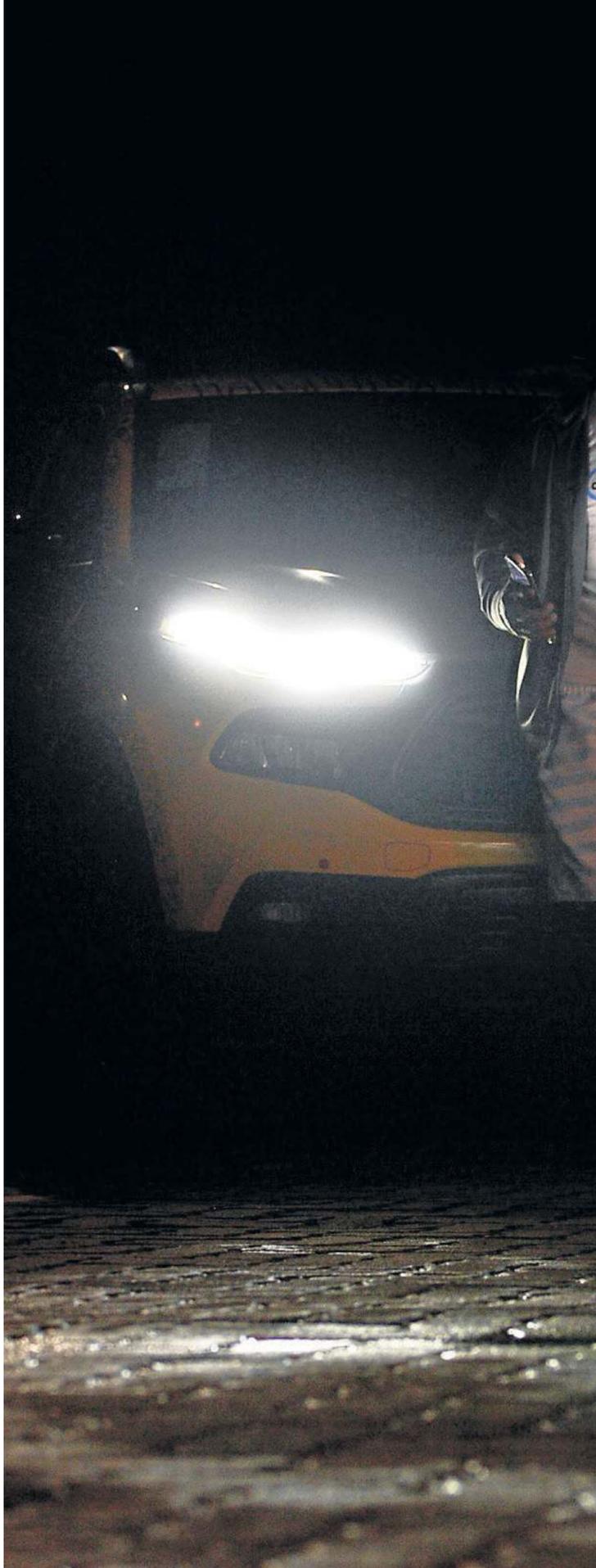
Até onde a política interna imposta pelas atuais diretorias das organizadas incomoda os "parceiros"? As leis impostas nem sempre são bem aceitas no grupo. Quem discorda se queixa da vaidade, do status, do ego e da rispidez dos membros das cúpulas. Reclamam de não terem voz e apenas serem submetidos a um estatuto mal elaborado e injusto, afirmam ex-integrantes das duas torcidas. A Ira Jovem Gama e a Torcida Fação Brasiliense são ambientes hierarquizados, com chefes de setores, vices e funcionários. Os atuais diretores de ambas hesitam em abrir mão dos cargos para não perder os benefícios: lucros advindos da venda de materiais, além da ostentação.

O **Correio** conta, agora, a história de Wladson Alves Ferreira, ex-diretor da torcida do Gama. Dos 44 anos de vida, o educador físico dedicou 17 à Ira Jovem, mas saiu depois de ser agredido pelos próprios parceiros em uma confraternização do grupo, em 2019. Motivo? As desavenças em relação à administração da organizada. Naquela época, Wladson pretendia disputar a presidência da torcida, porém os responsáveis pela suposta agressão monopolizaram o comando e impediram o ingresso dele.

Durante o evento, os associados desafiaram Wladson. Breno Rodrigo Carvalho (um dos líderes e atualmente foragido da Justiça por tráfico de drogas), Kaio Henrique Magalhães, Gabriel Santana Veloso e Darlan Galdino de Carvalho foram os responsáveis pela ação, revelam os autos do processo obtidos pela reportagem.

Conforme consta no documento, Gabriel disse a Wladson: "Nós vamos respeitar o ambiente, mas nós vamos te pegar", ameaçou. Os quatro partiram para cima do educador físico e o atingiram com socos, pontapés, chutes e murros. Em depoimento prestado à polícia na época, a vítima afirmou que o nariz sangrava e chegou a ser socorrida por conhecidos que estavam no local. "Eram pessoas que eu conhecia há quase 15 anos, exceto um deles, que eu conhecia há cinco. Eles frequentavam minha casa, conheceram minha família e eu, a deles, mas fui covardemente apunhalado pelas costas. Eles não foram homens para assumir em juízo", declarou, em entrevista ao **Correio**.

Ed Alves/CB/DA.Press



A agressão resultou em uma espécie de "racha" na torcida. Enquanto parte dos filiados ficaram a favor dos envolvidos, outra defendia a vítima. O Ministério Público denunciou os quatro torcedores pelo crime de lesão corporal. No entanto, por falta de provas, a Justiça decidiu pela absolvição. Em defesa, os quatro negaram o envolvimento no caso.

Na Ira Jovem Gama, Wladson ficou na função de presidente, mas decidiu se afastar para ser funcionário do clube como preparador físico. Depois, voltou como diretor da organizada e entrou para uma chapa a fim de concorrer à presidência. Na época, segundo ele, deu início ao rompimento. "O estatuto da torcida não estava sendo cumprido. O que mais me incomodou profundamente foi a covardia de me agredirem por fatos de política interna", lamentou.

Nas quase duas décadas como membro da organizada, Wladson participou de inúmeras caravanas e admite ter gastado dinheiro com drogas e bebidas, o que define como uma perda de tempo. O **Correio** apurou que outros episódios de agressão ocorreram posteriormente entre parceiros da Ira Jovem Gama. Em uma festa, um líder do Bonde da Asa Norte foi agredido. Em outra ocasião, num estádio, o líder do Bonde Santa Maria também foi alvo de ataques. Situações como essas são tratadas com insignificância. Por medo de represálias, as vítimas dificilmente levam o caso à polícia.

Mulheres

Engana-se quem acha que as rixas ocorrem apenas entre os homens. Os "bondes ou comandos femininos" são especificamente integrados por meninas, adolescentes e jovens. A vaidade, contatos com rivais ou até relacionamento amoroso com os membros são causas suficientes para as brigas. Ainda na Ira Jovem Gama, uma mulher relatou, sob anonimato, ter saído da torcida após sofrer represálias por conversar com um torcedor do Flamengo na escola. No geral, o Vasco está para o Gama e o Flamengo para o Brasiliense. Portanto, até mesmo o contato com simpatizantes de times de projeção nacional são rechaçados. "Eu sou apaixonada pelo Flamengo e sabia da rivalidade. Quando saí da torcida, saí brigada. Fiquei anos sem ir ver o jogo por medo. Até sair do estádio escoltada eu já saí", afirmou.

Ela desabafa sobre o machismo escancarado envolto nas mulheres associadas. "Para os homens é mais fácil. Na verdade, para os caras, é bom ter contato com as meninas da torcida rival." A regra é clara: nenhum integrante pode ter contato com o adversário.

O mesmo vale para a Fação Brasiliense. Além de escancararem notas de expulsão nas redes sociais, com direito ao nome completo e comando de que faz parte, os líderes impõem regras. Em caso de descumprimento, começa a